



AS ANTIGUIDADES E OS USOS DO PASSADO

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3370

Leandro Hecko, UFMS

Resumo

Palavras Chave:

Antigo Egito; Grécia Antiga; Usos do Passado; Egiptomania; Helenomania.

O presente trabalho objetiva elencar alguns resultados oriundos de nossa prática docente em um curso de História, com as disciplinas de Antiguidade Oriental e Antiguidade Clássica e também de um projeto de pesquisa denominado “Grécia Antiga e Usos do Passado”. Com o intuito de, principalmente, pensar em uma História Antiga mais problematizada e que desperte mais interesse entre os acadêmicos do curso de licenciatura em História, faremos algumas breves considerações acerca do campo dos chamados usos do passado, discutindo a relação entre Antiguidade e Contemporaneidade diante das Antiguidades Oriental e Clássica, com ênfase no Antigo Egito e Grécia Antiga, compreendendo a chamada Egiptomania e uma possível Helenomania. Em seguida, apontaremos aquilo que ao longo dos anos de docência identificamos como fatores importantes a serem considerados no ensino de tais disciplinas, os quais culminaram na concepção e desenvolvimento do projeto de pesquisa “Grécia Antiga e Usos do Passado”, que buscou, entre outras coisas, pensar e identificar precisamente alguns usos que são feitos, por exemplo, de temas presentes no cinema frente ao passado grego antigo. Neste sentido, concluímos preliminarmente que existe a necessidade de problematização do ensino dessas Antiguidades que perpassa, necessariamente, a sua reflexão diante dos diversos usos que são feitos de temas a elas relacionados vislumbrando a relação passado/presente.

Considerações Iniciais

O ensino de História no âmbito da graduação, mormente na licenciatura, tem passado por algumas transformações tendo em mente aquilo que, ao fim do curso, boa parte dos acadêmicos irá exercer: a docência na Educação Básica. Temas em torno das Leis nº 10.639/03 e 11.645/08, contemplando questões de História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena; Questões de Gênero, Mulheres/Feminismo e Sexualidade/Homossexualidade; Cotidiano; Sentimentos e Política; Trabalho; Movimentos Sociais; Cinema; Religião e Religiosidade; Cultura e Alimentação, entre outros de maior interesse pela sociedade, tomam espaço significativo naquilo que se quer aprender/ensinar. E digo aprender, primeiramente, por parecer que os acadêmicos trazem interesses e demandas que nem sempre refletem aquilo que construímos em nossos planos de ensino.

Essa gama temática reflete, sem dúvidas, um momento histórico pelo qual passamos onde temas que possibilitem pensar questões temporal e espacialmente mais próximas da realidade em que se vive adquirem mais valor diante da vida prática dos sujeitos em sociedade. Neste sentido, se isso afeta o ensino de História como um todo, da Educação Básica à Graduação, cabe problematizar uma parte deste “ensinar História” que versa sobre as sociedades nas Antiguidades, principalmente as relacionadas a disciplinas que tenho ministrado desde o ano de 2011: Antiguidade Oriental e Antiguidade Clássica – e isso reflete, ainda, aspectos de minha atuação docente que, ao longo dos anos, têm me inquietado no âmbito do Ensino e da Pesquisa.

Neste ínterim, a reflexão que temos proposto para problematizar todos os fatores envolvidos se assenta na questão do sentido daquilo que se ensina em Antiguidade Oriental e Antiguidade

Clássica e também, da abordagem inicial que se faz de cada disciplina, especificamente. Aqui trataremos de expor, então, algumas reflexões que nos tem parecido assertivas em nossa prática docente junto a essas disciplinas. Primeiramente, a ideias de sentido e usos do passado, de forma geral; em seguida, como elas aparecem dentro das áreas da Antiguidade Oriental e Clássica, nos recortes que temos trabalhado; por fim e em síntese, importantes fatores gerais a se considerar no ensino dessas disciplinas.

Os usos do passado

Os usos (e abusos) do passado se configuram uma área de interesse bastante ampla, atraindo diversos historiadores para refletir acerca da relação entre passado e presente, releituras do passado, ideias de herança/legado, apropriação e ressignificação, entre outras. Isso se deve ao fato de que, malgrado existam rupturas e continuidades, os processos históricos deixam marcas que constituem uma das essências do humanismo presente na História: olhar o passado como quem reflete sobre si, seu trabalho, sobre o mundo da práxis.

Nesta ordem de pensamento, ao problematizar as áreas das Antiguidades, nos remetemos à percepção da matriz disciplinar discutida por Rüsen (2001)¹ na qual a História é vista numa interação de diversos elementos presentes entre a ciência especializada e a vida prática das pessoas. Interesses, como carências de orientação no tempo, encontram na História ou dão a ela ideias sobre a experiência no passado que, diante da aplicação de métodos de pesquisa empíricas remontam a narrativas capazes de, na vida prática, dar sentido à

¹ Existem outras possibilidades teóricas para se pensar questões acerca dos usos do passado (Martins Bernal, Ian Hodder, Erick Hornug, David Lowenthal, Edward Said, entre outros). Aqui optou-se por Rüsen por questão de espaço textual e tempo de apresentação do material.

existência humana (RÜSEN, 2001, p.35). Isso expressa no homem a sua capacidade de pensar historicamente e explica por que se pensa historicamente, de onde Rösen diz:

“A teoria da história abrange, com esses interesses, os pressupostos da vida quotidiana e os fundamentos da ciência da história justamente no ponto em que o pensamento histórico é fundamental para os homens se haverem com suas próprias vidas, na medida em que a compreensão do presente e a projeção do futuro somente seriam possíveis com a recuperação do passado”. (2001, p.30)

Devemos, neste contexto, pensar sobre em que sentido a ciência histórica e a vida prática das pessoas se fundamentam e, nesta ordem de pensamento, nos defrontamos com o fato delas responderem entre si a inquietações próprias da natureza humana: uma se fundamenta na outra: objetos de estudo dos historiadores e suas abordagens e temáticas de interesses da sociedade se encontram no momento em que buscam responder a interesses comuns do próprio ser humano.

É neste campo de reflexões, por sua vez, que abrimos espaço para pensar os usos do passado e, entre eles, aqueles que para nós são os de maior interesse, quais sejam: aqueles que possuem relação com as Antiguidades. Assim, cabe elencar algumas questões gerais a serem consideradas dentro das áreas em que atuamos: o que queremos dizer com a ideia de usos do passado sobre as Antiguidades? O que tais usos refletem como importantes atribuidores de sentido quando estudamos as sociedades das Antiguidades? Em que sentido essa abordagem sobre os usos do passado em relação às Antiguidades possibilita uma História Antiga mais problematizada? Para responder a tais questões, partamos pontualmente para nossas reflexões acerca das disciplinas em que atuamos: Antiguidade Oriental e Antiguidade

Clássica.

Antiguidade Oriental

No tocante à Antiguidade Oriental, por uma questão de formação e interesse, nosso foco sempre está no Antigo Egito. É o recorte com o qual normalmente trabalhamos na disciplina que ministramos na UFMS. Dentro dela a opção de discussão inicial passa pela chamada Egiptomania enquanto um conjunto de empréstimos de elementos do Antigo Egito ressignificados no presente (HUMBERT, 1994, p.21).

Nossa percepção da Egiptomania a trata como ela estando inserida no campo maior dos Usos do Passado, configurando um dos exemplos mais ricos e significativos para esta área de reflexão. Tal significação se deve ao fato de a apropriação e ressignificação de elementos do Egito Antigo serem identificáveis em inúmeras áreas da vida prática da sociedade mostrando sua riqueza e variedade de formas de consumo, como se identifica na arquitetura, arte, arte cemiterial, em brinquedos, na literatura, na música, na publicidade (BAKOS, et.al., 2012, p.243), em museus temáticos estáticos ou itinerantes, na arte corporal (tatuagens), decoração de interiores, em festas a fantasia, objetos do cotidiano (canetas, joias, réplicas e miniaturas), jogos eletrônicos, desenhos animados, histórias em quadrinhos, entre outras inúmeras possibilidades (Uma breve exemplificação aparece na **IMAGEM 1**, logo abaixo, apenas a título ilustrativo).

Todas essas utilizações refletem certa sensibilidade humana em sua relação com o passado que é motivada por elementos que despertem em si algum tipo de sentimento como estranheza, exotismo, beleza, maravilhamento, riqueza, curiosidade, imortalidade, alteridade (HECKO, 2016, p.129) entre outros. Desta forma, a egiptomania como um uso do passado se mostra uma importante forma de

problematizar inicialmente o ensino da história do Antigo Egito, numa relação entre passado e presente, importante também para a atribuição de sentido a este ensino que perpassará a prática do futuro professor de História da Educação Básica.

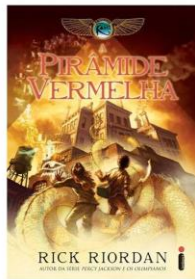
Imagem 1: Item 1) Prédio junto ao chamado “Bosque Rosacruz” da Grande Loja da Língua Portuguesa da AMORC², em Curitiba Paraná, com foto de Leandro Hecko. O entorno é cheio de exemplos arquitetônicos e iconográficos que remetem à antiguidade egípcia. Item 2) Imagem de referência à música Powerslave³ da banda inglesa Iron Maiden com referências a hieróglifos e ao mascote da Banda (Eddie) mumificado. Item 3) Capa do livro A pirâmide vermelha⁴ de Rick Riordan, mostrando na iconografia e no âmbito literário apropriações de questões do Antigo Egito.



1



2



3

Todas essas utilizações refletem certa sensibilidade humana em sua relação com o passado que é motivada por elementos que despertem em si algum tipo de sentimento como estranheza, exotismo, beleza,

maravilhamento, riqueza, curiosidade, imortalidade, alteridade (HECKO, 2016, p.129) entre outros. Desta forma, a egiptomania como um uso do passado se mostra uma importante forma de problematizar inicialmente o ensino da história do Antigo Egito, numa relação entre passado e presente, importante também para a atribuição de sentido a este ensino que perpassará a prática do futuro professor de História da Educação Básica.

Imagem 2: Item 4) Foto da fachada do Tróia Motel⁵, localizado no município de Cambé-Pr, onde além da menção à cidade antiga a muralha de fachada apresenta uma dimensão digna de Tróia. Item 5) Capa da história em quadrinhos da Turma da Mônica na série “Clássicos da Literatura” em “Chico Bento e O Burrico de Tróia e o Gladiador”⁶ de Maurício de Sousa em menção de releitura ao mito de Tróia e diversas outras informações das antiguidades grega e romana. Item 6) Produtos para cuidados da barba com o nome do deus grego Zeus⁷, imagem de Leandro Hecko.



4



5



6

² Mais informações no sítio oficial da Antiga e Mística Ordem *Rosae Crucis* no Brasil <https://www.amorc.org.br/>

³ Imagem retirada de <http://ironmaiden-bg.com/en/powerslave-articles/powerslave-cover-by-derrek-riggs.php> com acesso em 27/09/2017.

⁴ Imagem retirada de <https://maiusmapaginalivros.blogspot.com.br/2014/05/batalha-de-capas-piramide-vermelha.html> com acesso em 27/09/2017.

⁵ Imagem retirada de www.moteltroia.com.br com acesso em 07/09/2017.

⁶ Imagem retirada de <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABixkAB/hq-burrico-troia-galodiador-turma-monica> com acesso em 27/09/2017.

⁷ Informações adicionais em <https://www.zeusforman.com.br/shop> com acesso em 27/09/2017.

Antiguidade Clássica

Ao abordar Grécia e Roma antigas, da mesma forma, nos preocupa problematizar a significação desse conhecimento, bem como a relação passado/presente importante para esse processo de atribuição de sentido. Autores como Funari (2016), Garraffoni (2008), Silva (2005) e Dabdab (1998) tem nos ajudado a pensar sobre a importância de se estudar a História Antiga no Brasil, construindo uma História Antiga problematizadora da relação entre passado e presente, permeada também pelos usos do passado.

Neste caminho, a abordagem inicial da disciplina de Antiguidade Clássica, pensando Grécia e Roma (vide alguns exemplos na **IMAGEM 2** e **IMAGEM 3**, apenas a título ilustrativo), busca identificar para os alunos elementos que, desde a formação escolar até a vida em sociedade, constroem a imagem que temos de gregos e romanos. Para isso, associa-se à ideia de usos do passado também a ideia de legado, como uma herança formal do passado greco-romano. A imagem que possuímos em termos de legado⁸ greco-romano forma-se a partir da própria ideia de história e geografia, dos monumentos, do teatro, da filosofia, da literatura, do Direito, da etimologia (palavras de origem grega e/ou latina), das esculturas, da cerâmica, da política (democracia e república), das mitologias, das cidades (as *poleis* gregas, Roma), guerras, sexualidade e homossexualidade. Além disso, como resultante, as apropriações, resignificadas ou não, feitas de temas greco-romanos aparecem fortemente na arte (desde a Idade Média) no cinema (através das releituras de temas históricos ou mitológicos), na literatura (do tipo de

⁸ As ideias acerca dos legados gregos são oriundas de Finley (1998) e as entendemos como passíveis de se observar também sobre elementos da cultura romana. Alguns elementos da cultura romana aparecem também em Funari (2016).

Rick Riordan), em jogos eletrônicos diversos (*Age of Empires*, *Age of Mitology*, entre outros), histórias em quadrinhos (de Albert Uderzo a Maurício de Souza), arquitetura, arte cemiterial, iconografia da publicidade entre diversas outras formas.

Imagem 3: Item 7) Hotel Cassino *Caesars Palace*⁹ em Las Vegas nos Estados Unidos, onde a fachada e o nome relembram a antiguidade romana. Item 8) Vila Romana Park Hotel¹⁰, na cidade de Três Lagoas-MS, podendo rememorar tanto a Roma quanto a ideia de vila romana na antiguidade.



7



8

Tal forma de abordagem tem nos parecido exitosa em termos de mostrar a presença de temas clássicos na contemporaneidade, de problematizar a relação passado/presente e possibilitar uma leitura inicial lúdica para os acadêmicos da perspectiva teórica densa dos usos do passado. Complementarmente isso também tem provado ser uma forma de enriquecer o ensino e a pesquisa de temas sobre os gregos e romanos, fomentando o interesse sobre as culturas antigas diante de um público com interesses temáticos cada vez mais contemporâneos e próximos espacialmente de suas realidades.

⁹ Imagem retirada de <http://www.hayesandjarvis.co.uk/holidays/usa/n-evada/las-vegas/hotels/caesars-palace> com acesso em 27/09/2017.

¹⁰ Imagem retirada de <http://old.campogrande.net/public/locais-turismo/1333-vila-romana-park-hotel.jpg> com acesso em 27/09/2017.

Considerações finais

Como resultados dessas ações enquanto professor houve a criação de um projeto de pesquisa intitulado “Grécia Antiga e Usos do Passado”, que se encerrou neste ano e contou com dois trabalhos de iniciação científica. Ambos acabaram explorando as formas de representação da sexualidade grega no cinema e a educação espartana para a virilidade nos filmes “Os 300 de Esparta” (1962) e “300” (2007), identificando inclusive aspectos que diferenciam as leituras dos temas entre os anos de 1962 e 2007.

Para este ano o projeto será ampliado e renovado, abordando agora questões de Usos do Passado relacionados ao Antigo Egito e Grécia Antiga. Tal ampliação se deve à resposta aos interesses dos próprios acadêmicos e, malgrado o escopo temático seja bastante amplo, às áreas de mestrado e doutorado do professor das disciplinas.

Por fim, feitas essas breves reflexões e contextualização final, cabe estabelecer alguns fatores que sempre devem ser considerados no ensino das Antiguidades, tornando o ensino problematizado e enriquecendo as áreas de estudos que possuem Egito, Grécia e Roma em seu seio. Entre os fatores a se considerar, elencamos os seguintes:

- Pensar temas sobre as Antiguidades é refletir acerca da Constituição do pensamento ocidental;
- Neste caminho é compreender melhor a nossa própria história;
- Abordar a ideia de Usos do Passado nos ajuda a compreender a interpenetração passado/presente, mesmo diante do distanciamento espacial e temporal;
- Abordar a ideia dos Usos do Passado é uma forma de mostrar de que forma a Antiguidade faz-se presente no presente;
- É uma abordagem que amplia a erudição, o conhecimento e capacidade de crítica;
- Dá mais subsídios para ler o mundo, pois as informações nele encontradas não são naturais, mas construídas pelos seres humanos e propagadas por eles;
- Assim, há que não aceitar o mundo como está dado, mas buscar compreender todos os complexos aspectos que dele fazem parte.

Neste ínterim, afirmamos a constante necessidade de sempre se problematizar aquilo que se ensina e, no caso de nossas Antiguidades, essa forma de abordagem é fundamental, pois amplia o sentido de seu ensino, amplia as possibilidades de abordagens e campo de pesquisa, trazendo elementos importantes a serem discutidos entre nós e os povos das Antiguidades.

Referências

- BELLEBONI-RODRIGUES, R.C.; SILVA, S. C. Os Desafios e a Importância da História Antiga na formação do professor de História. In: BATISTA, Eraldo Leme; SILVA, Semíramis Corsi; SOUZA, Tatiana Noronha de. (Org.). Desafios e Perspectivas das Ciências Humanas na Atuação e na Formação Docente. 1ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2012, v. 5, p. 71-87.
- DABDAB TRABULSI, José Antônio. Liberdade, igualdade, Antiguidade: a Revolução Francesa e o Mundo Clássico, Phoenix. Rio de Janeiro, 4, 1998, p.205-255.
- FINLEY, Moses I. (org.). O legado da Grécia: uma nova avaliação. Brasília-DF: EdUNB, 1998.
- FONSECA, Selva Guimarães. A história na educação básica: conteúdos, abordagens e metodologias. Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.
- FUNARI, Pedro Paulo; SILVA, Glaydson José da; MARTINS, Adilton Luís (orgs.); (2008). História Antiga: contribuições brasileiras. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.
- FUNARI, Padro Paulo A.; GARRAFFONI, Renata Senna; SILVA, Glaydson José da. Questões sobre o estudo da Antiguidade no Brasil. História E-História. Disponível em <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=reportagens&id=31> com último acesso em 29/09/2016.
- GARRAFFONI, Renata Senna (2008). Apresentação: Identidades e Conflitos no Mundo

Antigo e Mundo Antigo e Cultura Moderna.
História: Questões e Debates, Curitiba, n.48/49,
2008, p.5-8.

HECKO, Leandro. A egiptomania e os usos do
passado. Campo Grande: Editora da UFMS,
2016.

HECKO, Leandro. REVISTA DE EDUCAÇÃO
HISTÓRICA - REDUH - LAPEDUH. Curitiba.
Número 09 / maio - agosto 2015, p.139-151.

HECKO, Leandro. A Antiguidade Clássica e seu

ensino na graduação: algumas experiências. Anais
do XXIX Simpósio Nacional de História - contra
os preconceitos: história e democracia. Brasília,
2017.

RÜSEN, Jörn (2001). Razão Histórica. Trad.
Estevão de Rezende Martins. Brasília-DF:
EdUNB, 2001.

SILVA, Glaydson José da (2007). História Antiga
e Usos do Passado: um estudo de apropriações da
Antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944).
São Paulo: AnnaBlume, 2007.